

FORTALECENDO REDES CULTURAIS



With the support of



Presidente Marcos Nobre

Diretor científico Carlos Torres Freire

Diretora administrativa Graziela Castello

Equipe do projeto no Cebrap:

Maria Carolina Vasconcelos Oliveira

Ana Paula do Val

Danilo Júnior de Oliveira

Luísa Adib Dino

Daniela Costanzo

Multiplicadores Embu das Artes

Arley Amaral da Cunha

Bruno Martins dos Santos

Denilsa de Moura

Ivan de Oliveira Neves Santos

Lourenço Garcia Júnior

Multiplicadores Toledo

Cristiane Roberta Xavier Candido

Fernanda Fetter

Isabela Olsen Pierazo

Mariana Gouveia Cruz

Otavio Augusto da Silva Souza

Multiplicadores Macapá

Débora Natalina Bastos Bararuá

Edimilson Vilhena dos Santos

Karen Suellen Lobato de Sousa

Natália Sandrine Lobo Brazão

Wenner George Ribeiro

Multiplicadores Serra Talhada

Alberto Cardoso de Lima Gomes

Jorge Costa de Queiroz

José Alberto da Silva Júnior

Nathan Jonatha da Silva

Sebastiana Vitória da Silva Araújo

Apoio:

Secretaria da Infraestrutura Cultural

- Secretaria Especial da Cultura /

Ministério da Cidadania: Isadora Tami

Lemos, Adriana Regina Leite Nunes,

Jéssica de Freitas Afonso, Lenon

Rodrigues de Sousa Lima.

Apoio local: Praça CEU das Artes Embu

das Artes, Secretaria de Cultura Embu

das Artes, Praça CEU das Artes Toledo,

Secretaria de Cultura de Toledo, Praça

CEU das Artes Macapá, Fundação

Municipal de Cultura de Macapá, Praça

CEU das Artes Serra Talhada, Fundação

Municipal de Cultura de Serra Talhada.

VASCONCELOS-OLIVEIRA, Maria Carolina;
DO VAL, Ana Paula; OLIVEIRA, Danilo Júnior.

Fortalecendo redes culturais: relatório final.

Maria Carolina Vasconcelos Oliveira, Ana Paula do Val, Danilo Júnior de Oliveira / São

Paulo: Cebrap, 2019.

21p.

1. Cultura. 2. Diversidade Cultural. 3. Política Cultural

Índice

1. O Projeto	4
LINHAS DE AÇÃO 1 E 2	5
Metodologia: passo a passo das ações	6
Pôsteres	8
2. Mapeamento e diagnóstico das cadeias locais de produção cultural	9
a) Área de atuação principal na cultura	10
b) Condições de trabalho e produção	12
c) Financiamento e viabilização da produção	13
d) Dificuldades	15
e) Interação com Praças CEUs das Artes	16
3. Mobilização social e interlocação com agentes públicos	17
REDES DA SOCIEDADE CIVIL	18
CARTA DE SUGESTÕES	19
IMPACTOS DIRETOS NAS ESTRUTURAS DE GESTÃO	19

1

O PROJETO



FOTO: ACERVÓDO PROJETO

O projeto Fortalecendo Redes Culturais (*Strengthening local cultural chains and networks in four Brazilian mid sized cultural poles*) foi desenvolvido pelo Cebrap entre os meses de abril de 2018 e agosto de 2019 e foi financiado pelo *International Fund for Cultural Diversity* (IFCD) da Unesco.

Com atividades desenvolvidas em 4 cidades brasileiras – Embu das Artes, no Estado de São Paulo (Região Sudeste); Toledo, no Estado do Paraná (Região Sul); Macapá, no Estado do Amapá (Região Norte) e Serra Talhada, no Estado de Pernambuco (Região Nordeste) –, o projeto teve como objetivo mais amplo o fortalecimento das redes e das cadeias de produção cultural locais. Para isso, as atividades desenvolvidas buscaram a mobilização de redes, o estí-

mulho à interlocução entre atores públicos e da sociedade civil envolvidos na cena cultural, a qualificação da participação da sociedade civil nas estruturas de governança da cultura, bem como a elaboração conjunta de diagnósticos locais.

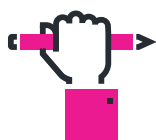
Num nível mais geral, o projeto está ancorado na diretriz de participação social na formulação e implementação de políticas culturais, que fundamenta tanto as ações da própria Unesco como também o Plano Nacional de Cultura e o Sistema Nacional de Cultura brasileiros.

De forma mais específica, foram desenvolvidos 2 conjuntos de ações, como mostram os quadros abaixo. Primeiro, um programa de formação de atores culturais, com conteúdos pensados tanto para →

LINHA DE AÇÃO 1:

OFICINA ABERTA

Cultura, projetos e políticas culturais



- 32 horas de duração, abordando temas como cidadania cultural, diversidade de expressões culturais, políticas culturais, produção, elaboração e gestão de projetos culturais (leque de conteúdos foi adaptado em cada cidade de acordo com as necessidades locais)
- aberta a todos os interessados
- espaço de reflexão coletiva sobre questões locais e de interlocução entre agentes públicos e da sociedade civil

OFICINA ABERTA

Mapeamento de iniciativas culturais



- 20 horas de duração, abordando metodologia para mapeamento cultural
- aberta a todos os interessados, com foco na atividade prática do mapeamento
- ampliação de ferramentas e conhecimentos dos agentes culturais locais, potencializando suas possibilidades de atuação futuras

LINHA DE AÇÃO 2:

Mapeamento de agentes culturais locais e diagnóstico das cadeias de produção cultural



- desenvolvido em parceria entre a equipe do Cebrap e 5 multiplicadores locais selecionados das oficinas de formação, que receberam uma bolsa para realizarem atividades práticas
- coleta de dados teve duração de um mês em cada cidade, em regiões definidas coletivamente durante as oficinas (sempre englobando as áreas dos equipamentos Praças CEUs das Artes, situados nas periferias das cidades)



FOTO: ACERVO DO PROJETO

→ ampliar repertórios críticos e reflexivos quanto para desenvolver competências mais relacionadas à prática. Depois, um mapeamento de atores e grupos culturais, articulado a uma pesquisa de diagnóstico das cadeias de produção cultural locais, desenvolvido pelo Cebrap em parceria com 5 agentes culturais locais (nomeados multiplicadores locais) que passaram pelo programa de formação.

O projeto Fortalecendo Redes Culturais foi pensado tendo os equipamentos Praças CEUs das Artes (recentemente renomeados como Estações Cidadania) como centralidade, e portanto teve como apoiadores a Secretaria de Infraestrutura Cultural

do antigo Ministério da Cultura (atual Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania), as secretarias ou fundações culturais municipais e a gestão local das Praças CEUs em cada cidade. Por conta dessa opção, a maior parte das atividades do projeto foi realizada nas Praças CEUs e o recorte das áreas a serem mapeadas em cada cidade incluiu esses equipamentos. Com isso, buscou-se também estimular a interlocução das Praças CEUs com as comunidades culturais em que estão inseridas, fortalecendo uma diretriz prevista pelo próprio programa e reforçando as prerrogativas de descentralização e enraizamento nos contextos locais.

Metodologia: passo a passo das ações

✿ **Interlocução** da equipe do Cebrap com a SEINFRA do antigo Ministério da Cultura e com a equipe gestora do programa Praças CEUs das Artes; levantamento de material documental e pesquisas anteriores sobre o programa e seus desafios; escolha das cidades.

✿ **Interlocução local** da equipe do Cebrap com as secretarias ou fundações municipais de cultura nas 4 cidades e com as gestões locais das Praças CEUs das Artes; levantamento prévio das principais características estruturais e desafios locais.

✿ **Pré-produção das oficinas:** contatos com a sociedade civil, produção de conteúdos e divulgação.

✿ **Realização das oficinas** (10 a 15 dias); aprofundamento na reflexão sobre as principais características e desafios dos contextos culturais locais.

✿ **Realização de cartografias coletivas:** durante a oficina aberta, grupos desenharam um mapa do território, de modo a organizar/nomear o espaço a partir de seus usos, percepções e memórias. Identificação dos elementos que funcionam como barreiras ou fronteiras, das principais referências e dos primeiros equipamentos e atores culturais existentes no espaço representado.

✿ **Discussão de recortes conceituais:** durante a oficina aberta, foram definidos os conceitos de cultura que orientariam o mapeamento (o que

seria mapeado), as fronteiras do espaço a ser mapeado e as subdivisões desse espaço.

✿ **Discussão e treinamento nos instrumentos de coleta da pesquisa:** na oficina de mapeamentos culturais, foi discutido o questionário a ser aplicado junto aos agentes e grupos mapeados, com perguntas sobre modos de organização da produção cultural, condições de trabalho e percepções sobre dificuldades encontradas.

✿ **Etapa 1 da bola de neve com os agentes culturais que participaram das oficinas:** todos os participantes responderam ao questionário e indicaram outros 3 a 5 agentes culturais das regiões definidas para serem entrevistados. →



FOTO: ACERVO DO PROJETO

→ Com isso, foi construído uma amostra de agentes e grupos, dividida por subregiões.

✿ **Seleção** dos 5 multiplicadores locais e divisão das áreas de cobertura.

✿ **Coleta de dados:** realização de entrevistas presenciais pelos multiplicadores, seguindo a amostra por bola de neve, até completar o período de um mês. Reuniões coletivas semanais (com equipe do Cebrap) para acompanhamento e eventuais ajustes no planejamento do campo.

✿ **Mobilização de redes:** em paralelo à coleta de dados, multiplicadores locais engajaram-se na construção ou no fortalecimento de redes focadas em determinadas pautas, organizando encontros com os participantes das oficinas e com

os agentes que estavam sendo mapeados.

✿ **Sistematização e análise dos dados** coletados na pesquisa pela equipe do Cebrap. Desenvolvimento de 2 produtos: site com agentes culturais mapeados (<http://redesculturais.org.br/>); relatórios de diagnóstico das cadeias de produção cultural locais (acompanhados de uma carta de sugestões aos gestores públicos locais).

✿ **Encontro final público**, com participação de equipe do Cebrap, multiplicadores, gestores locais, participantes das oficinas, agentes culturais mapeados e outros interessados. Apresentação de relatório final do diagnóstico, da carta de sugestões, do site com os agentes mapeados, e das perspectivas de atuação em rede propostas pelos multiplicadores.



EMBU DAS ARTES (SP)

32 participantes da oficina aberta
(21 com mais de 75% de frequência)
15 participantes da oficina de mapeamentos culturais (13 com mais de 75% de frequência)
157 agentes culturais e **32** grupos mapeados



TOLEDO (PR)

36 participantes da oficina aberta
(25 com mais de 75% de frequência)
21 participantes da oficina de mapeamentos culturais (18 com mais de 75% de frequência)
154 agentes culturais e **83** grupos mapeados



MACAPÁ (AP)

77 participantes da oficina aberta
(42 com mais de 75% de frequência)
58 participantes da oficina de mapeamentos culturais (45 com mais de 75% de frequência)
187 agentes culturais e **40** grupos mapeados



SERRA TALHADA (PE)

33 participantes da oficina aberta
(23 com mais de 75% de frequência)
19 participantes da oficina de mapeamentos culturais (14 com mais de 75% de frequência)
192 agentes culturais e **51** grupos mapeados

2

MAPEAMENTO E DIAGNÓSTICO DAS CADEIAS LOCAIS DE PRODUÇÃO CULTURAL



Esta seção apresenta alguns dos principais resultados do diagnóstico das cadeias locais de produção cultural, a partir de informações do questionário aplicado junto a agentes e instituições culturais no mapeamento. Aqui, optou-se por agregar as respostas de agentes culturais individuais e daqueles que respondiam como representantes de instituições ou equipamentos culturais, de modo a possibilitar um panorama mais geral de análise.

É importante destacar que as amostras de cerca de 200 agentes ou grupos/instituições culturais mapeados e entrevistados em cada cidade foram construídas por meio de amostragem do tipo bola de neve, que teve como início o grupo de agentes culturais que participaram das oficinas que ocorreram no âmbito do projeto. Os dados apresentados nesta seção 2, portanto, não

podem ser generalizados para todo o contexto das cidades, uma vez que as amostras não foram desenhadas previamente de modo a garantir representatividade nesse nível de análise – até porque não se conhece o universo total dos agentes culturais de cada contexto. Importante ponderar ainda que a bola de neve tende a resultar em amostras com algum viés de proximidade entre os entrevistados, já que eles costumam indicar novos respondentes que fazem parte de seu círculo de atuação – o que, para o projeto, tem um lado positivo, tendo em mente que um dos objetivos é justamente o de identificar e fortalecer as redes culturais locais. Ainda assim, o viés foi minimizado pelo fato de a primeira rodada da bola de neve ter envolvido um número relativamente grande de atores (todos os participantes das oficinas desenvolvidas em cada cidade. →

A Área de atuação principal na cultura



EXPRESSIONES POPULARES OU TRADICIONAIS

ARTESANATO	14	16	23	31
FESTIVIDADES	2	1	10	5
RELIGIOSIDADES	0	0	5	6
MEMÓRIA / IDENTIDADES	2	3	7	4
GASTRONOMIA / CULINÁRIA	0	1	1	4
CAPOEIRA	2	1	17	0
DANÇA	3	0	3	7
MÚSICA	0	4	0	1
HIP HOP	0	1	1	0
TEATRO	0	0	1	0
OUTROS	3	1	1	3

Valores das barras representam números de entrevistados e não porcentagem.

→ Destaca-se uma predominância das linguagens artísticas como principal área de atuação declarada pelos entrevistados de todas as cidades. A música foi a subárea específica mais mencionada – exceto por Embu das Artes, que se destaca pela forte presença das artes plásticas e visuais, muito por conta da tradicional Feira de Artes da cidade.

Uma chave de compreensão possível é a de que alguns tipos de expressões musicais podem ser produzidos sem a necessidade de uma estrutura muito grandiosa ou custosa (quando se compara, por exemplo, com práticas que necessitam de um espaço de ensaio, um ateliê, ou envolvem necessariamente grupos muito grandes de pessoas). Essa linguagem também está a entre as menos difíceis de serem comercializadas em contextos em que não há apoio público para produção ou circulação – costuma existir mais possibilidades de apresentação em espaços privados (como bares) e o mercado de aulas também costuma ser mais ativo do que o de outras áreas como o teatro, por exemplo.

Destaca-se ainda, nas cidades de Macapá e Serra Talhada, uma quantidade relevante de entrevistados engajados em expressões populares ou tradicionais, o que reflete a própria formação social dessas cidades. Em Macapá, destaca-se uma presença muito forte das culturas negras, refletidas em manifestações como a capoeira, o marabaixo e outras festividades.



FOTO: WENNER GEORGE RIBEIRO

Nota geral para item A: Optou-se por manter a área de atuação principal declarada pelo entrevistado (escolhida entre uma lista fechada de alternativas). Por essa razão, tem-se sub-áreas como música, dança ou hip hop, por exemplo, vinculadas tanto à área de linguagens artísticas quanto à de expressões populares.

A categoria "Educação" engloba tanto educação formal (instituições de educação formal relacionadas à cultura ou trabalhadores dessas instituições, por exemplo, um professor universitário da área de artes) quanto educação informal (por exemplo, atuação numa escola de dança do bairro).

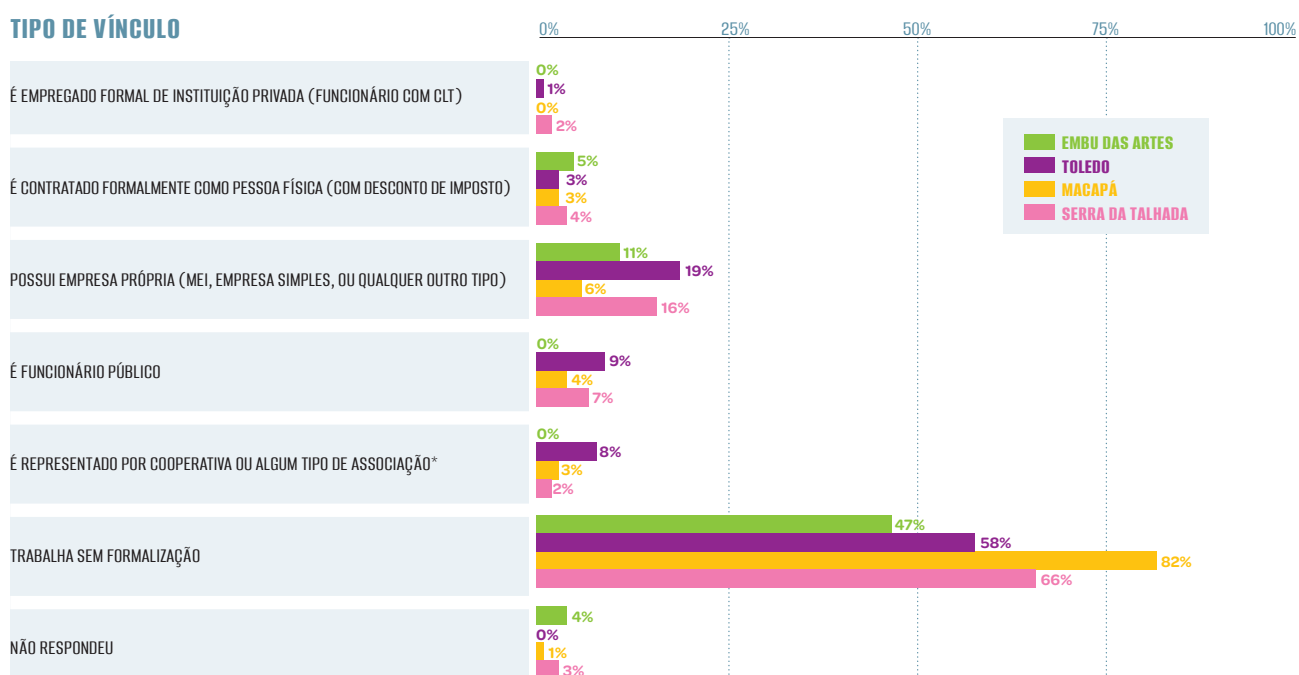
A categoria "Gestão cultural" agrega resposta de agentes que representam ou trabalham em equipamentos culturais e outras instituições, como secretarias públicas ou organizações de terceiro setor. Inclui também agentes individuais ou representantes de empresas privadas que atuam em produção de eventos e projetos culturais.

B Condições de trabalho e produção

Para algumas informações apresentadas aqui, foram considerados somente os respondentes agentes culturais individuais na cidade de Embu das Artes (ou seja, foram ignorados os questionários de agentes representando instituições ou grupos). Em outros casos, a cidade de Embu das Artes foi retirada da comparação nos gráficos. Isso porque essa cidade foi a primeira em que a pesquisa foi realizada, e o questionário aplicado era uma versão piloto, com algumas perguntas realizadas de maneira aberta ou com possibilidade de respostas múltiplas (o que possibilitou testar as categorias de resposta que depois foram fechadas). Nos casos em que a comparação não é possível, há considerações específicas sobre Embu das Artes no texto que acompanha o gráfico.

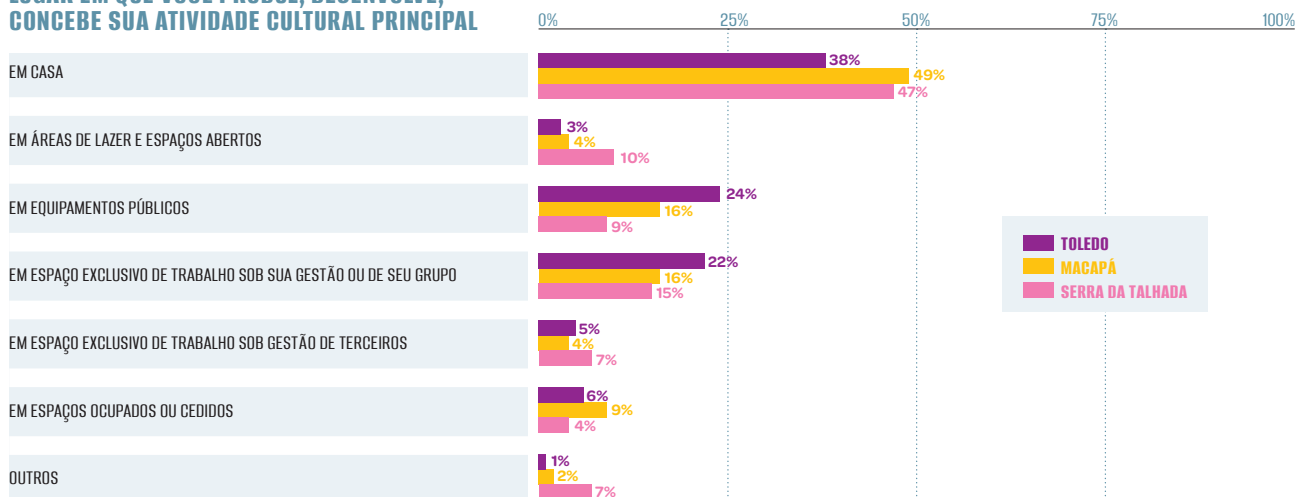
Em relação às configurações formais do trabalho, o gráfico abaixo mostra que grande maioria dos entrevistados realiza sua atividade cultural sem nenhum tipo de formalização. Em cidades como Macapá, a proporção chega a quase 85% da amostra. Uma proporção ainda pequena, porém relevante (menor que 20% em todas as cidades), possui pessoa jurídica própria.

Sobre os locais onde os entrevistados produzem, desenvolvem e/ou concebem suas atividades culturais principais, verificou-se a predominância de práticas desenvolvidas em casa, com aproximadamente 50% dos entrevistados nas três cidades, seguidos de equipamentos públicos e de lazer (abertos). Em seguida, aparece a resposta “espaço exclusivo de trabalho”, que sugere uma modelo de organização mais profissionalizado (que, em muitos casos, envolve custos de aluguel e manutenção do espaço). Com relação ao local em que os entrevistados circulam, vendem e/ou apresentam sua atividade cultural principal, os equipamentos públicos foram os mais citados nas cidades, seguidos de espaços de trabalho sob gestão de terceiros (como SESCs, bares, casas de eventos) e áreas de lazer ou espaços abertos. Vale mencionar que em Embu das Artes, onde foi aplicada uma versão piloto do questionário para a qual essa pergunta permitia múltiplas respostas, 34% dos respondentes mencionaram a própria casa como lugar de desenvolvimento da produção cultural/artística e 24% mencionaram áreas de lazer e equipamento público (ambos tipos de espaço que não desencadeiam em custos extras para os agentes culturais).

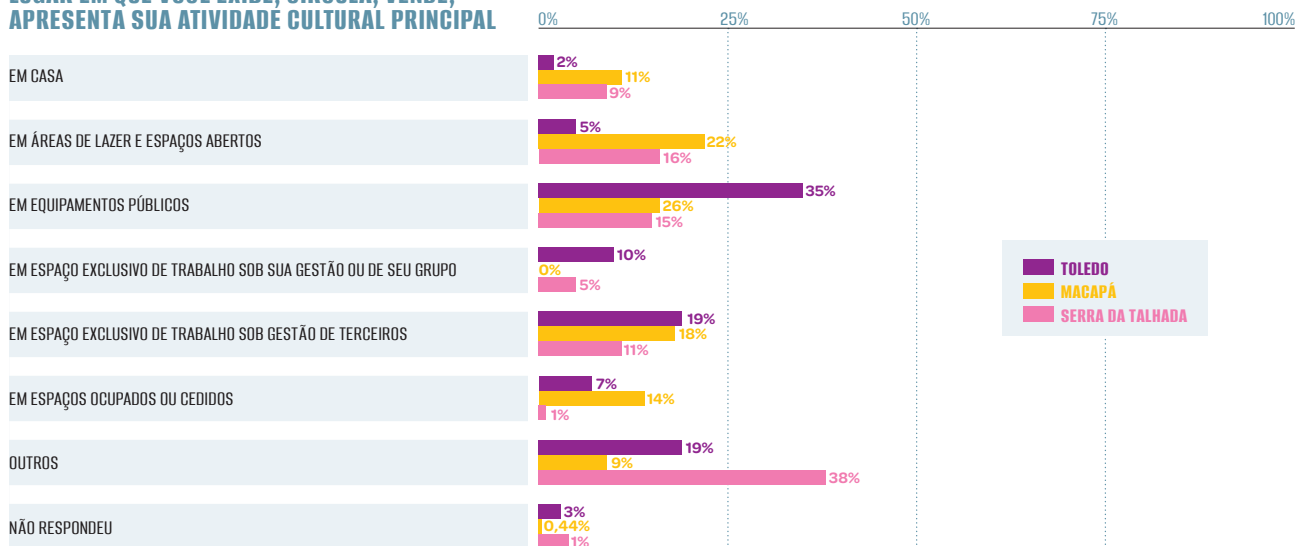


*Exemplo: Cooperativas de Teatro ou de Circo, Fórum de Dança ou outras que emitem nota para artistas e os representam juridicamente.

LUGAR EM QUE VOCÊ PRODUZ, DESENVOLVE, CONCEBE SUA ATIVIDADE CULTURAL PRINCIPAL



LUGAR EM QUE VOCÊ EXIBE, CIRCULA, VENDE, APRESENTA SUA ATIVIDADE CULTURAL PRINCIPAL

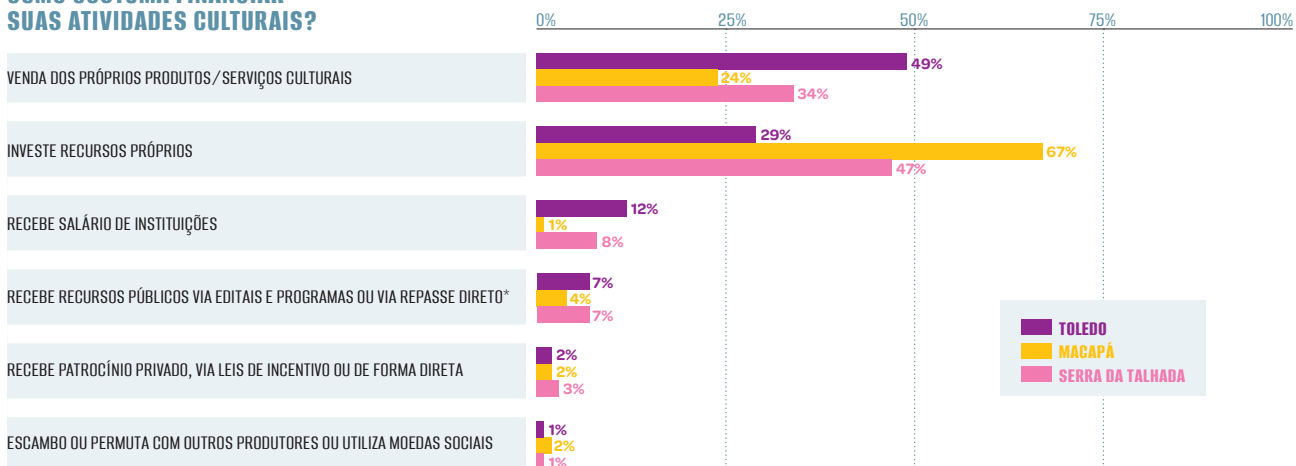


🕒 Financiamento e viabilização da produção

O primeiro gráfico a seguir mostra que a enorme maioria dos entrevistados costuma viabilizar seu trabalho cultural investindo recursos próprios (oriundos de outras fontes de rendimento) ou por meio da própria venda dos serviços/produtos desenvolvidos (bastante comum para casos que envolvem produção de artesanato, artes plásticas, música e mesmo algumas artes cênicas). Vale complementar que, para Embu das Artes (em que essa pergunta permitia múltiplas respostas), quase 50% dos respondentes afirmaram investir recursos próprios para financiar a produção.

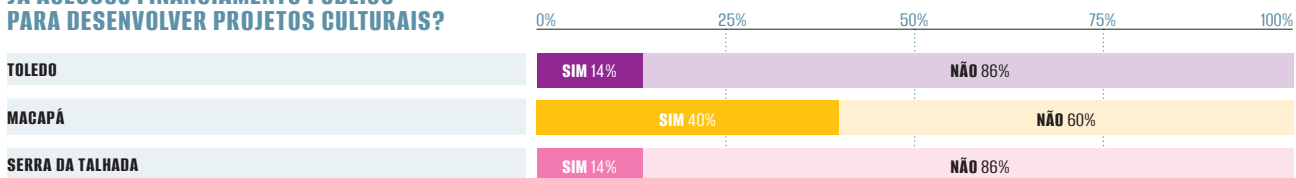
Destaca-se também que, em todas as cidades, a proporção de respondentes que costuma viabilizar a produção cultural com recursos públicos é menor que 10%. Isso reflete a escassez de mecanismos públicos de financiamento direto à produção cultural/artística em cidades médias e pequenas, o que por sua vez está relacionado ao baixo orçamento de que as pastas da cultura normalmente dispõem. O gráfico seguinte, em que se pergunta se o entrevistado já teve acesso alguma vez a algum tipo de recurso público reforça essas percepções. →

COMO COSTUMA FINANCIAR SUAS ATIVIDADES CULTURAIS?



* Repasse direto no caso de equipamentos públicos.

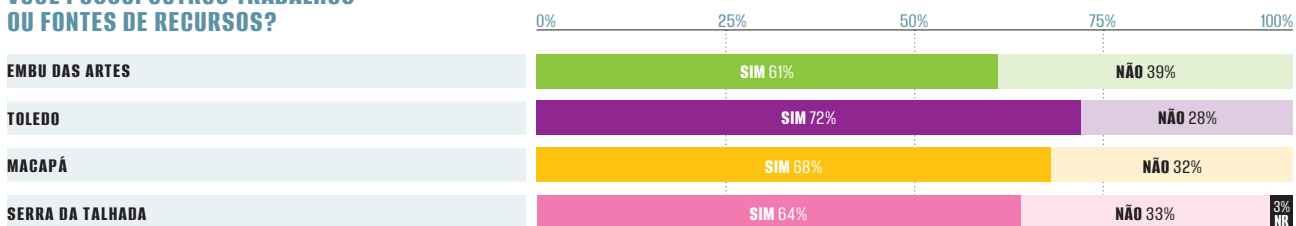
JÁ ACESSOU FINANCIAMENTO PÚBLICO PARA DESENVOLVER PROJETOS CULTURAIS?



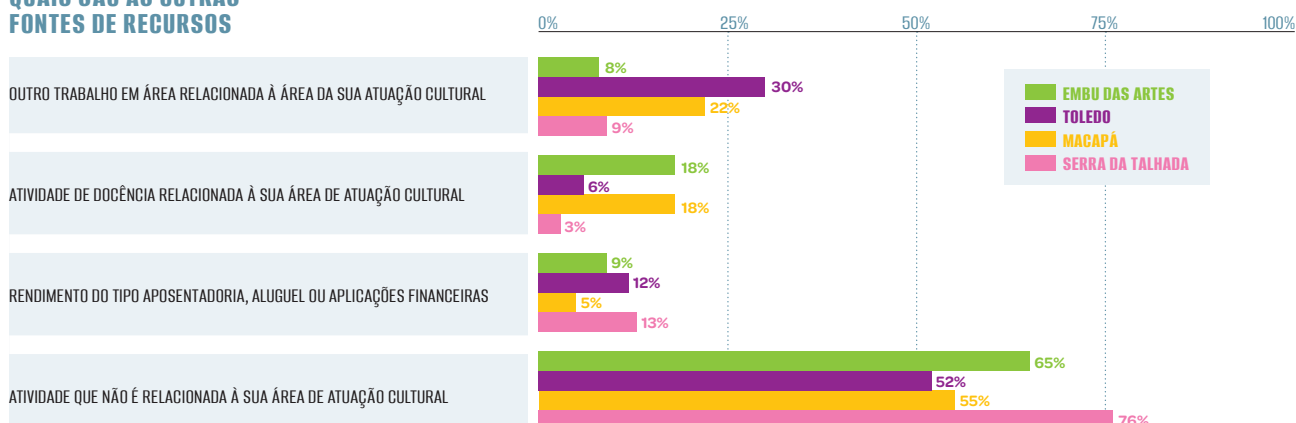
➔ A escassez de recursos públicos de apoio à produção artística e a dificuldade de viabilizar essa produção unicamente no mercado também estão associadas ao fato de a maioria dos respondentes terem outros tipos de trabalho ou fonte de renda além do trabalho cultural/artístico. Na média, cerca de 2/3 dos entrevistados estão nessa situação, como se vê no gráfico abaixo. Desses, a maioria tem outros tipos de trabalho que não são relacionados à sua área de atuação principal na cultura (temos situações mais equilibradas em Toledo e Macapá, em que uma proporção considerável dos respondentes têm outros trabalhos, mas relacionados à sua atuação na cultura – por exemplo, um artista visual que também atua como designer gráfico ou um poeta que também trabalha com outras atividades de escrita).

A necessidade de ter uma “dupla vida” de trabalho representa uma vulnerabilidade nos contextos locais de produção cultural: se o indivíduo precisa ter acesso a um outro trabalho – e a um trabalho que permita que ele tenha algum tempo livre – ou a uma outra fonte de rendimento para poder exercer sua atividade cultural, a continuidade dessa produção pode estar muito sujeita a mudanças de conjuntura. Além disso, o agente cultural que precisa dividir seu tempo com um outro trabalho que lhe garanta a subsistência provavelmente terá dificuldades para se dedicar a atividades de estudo, formação ou aprimoramento, ou mesmo para aprofundar certas investigações (formais ou discursivas, por exemplo) dentro da sua produção – o que tende a ser especialmente importante para o caso das linguagens artísticas.

VOCÊ POSSUI OUTROS TRABALHOS OU FONTES DE RECURSOS?

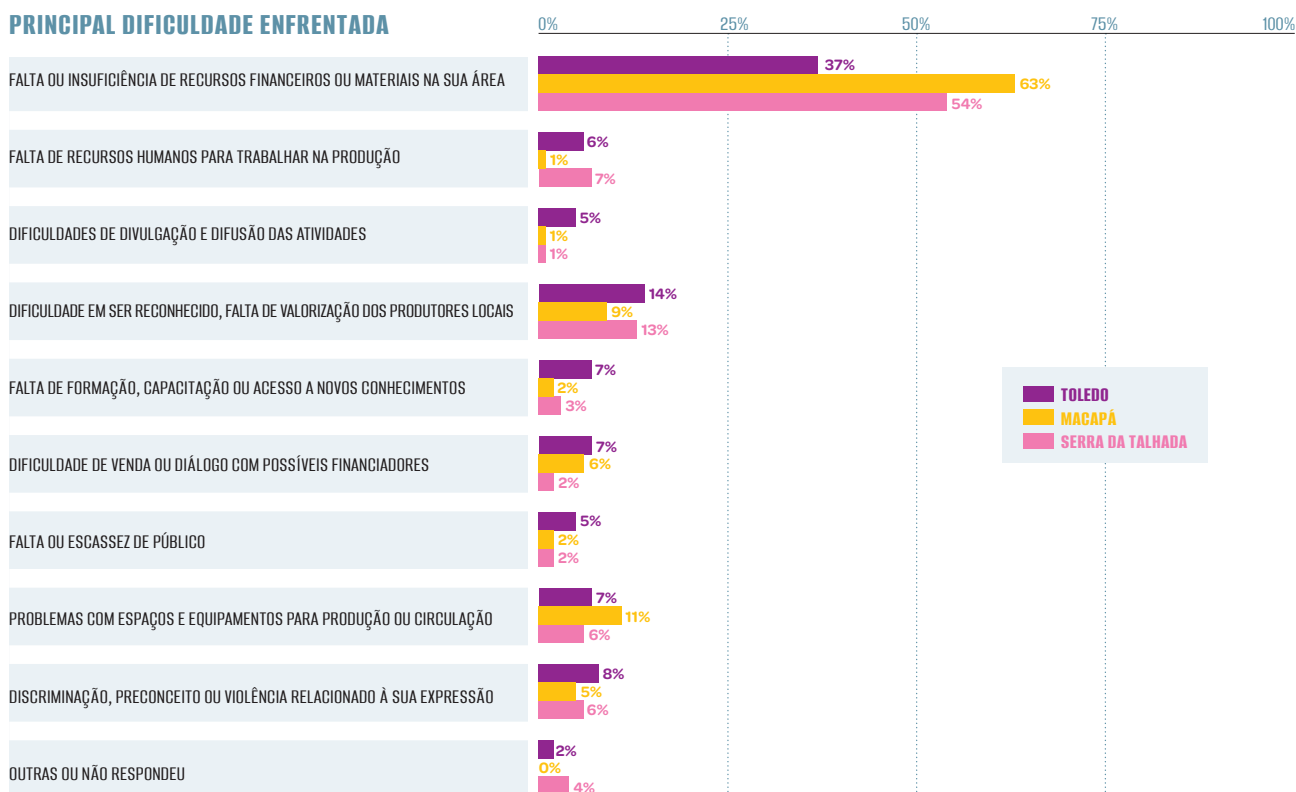


QUAIS SÃO AS OUTRAS FONTES DE RECURSOS



Dificuldades

PRINCIPAL DIFICULDADE ENFRENTADA



Quando solicitado aos respondentes que identificassem a principal dificuldade enfrentada no que diz respeito ao trabalho cultural e à atuação na cultura (a partir de uma lista fechada de opções), a maioria respondeu “falta ou insuficiência de recursos financeiros/materiais”, como era de se esperar. Em cidades como Serra Talhada, Macapá e Embu das Artes (em que essa pergunta foi feita para identificar mais de uma dificuldade e com opção de resposta aberta),

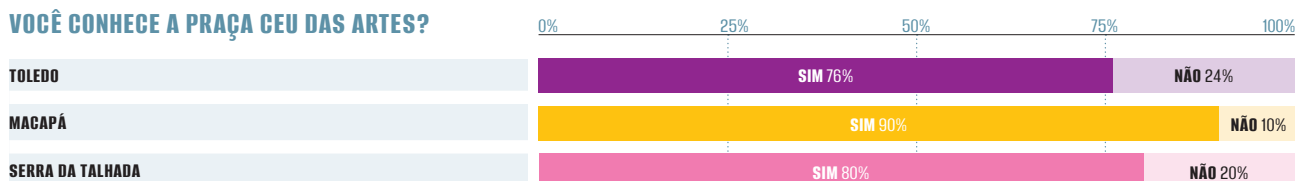
os respondentes que mencionaram essa dificuldade passaram de 50%. Respostas relacionadas à escassez de espaços para produzir e circular a produção também foram mencionadas com alguma frequência, bem como a questão da falta de reconhecimento e valorização dos agentes culturais locais. Para além da informação trazida no gráfico apresentado aqui, vale acrescentar que, após a pergunta sobre a dificuldade principal, era realizada uma pergunta sobre a →

→ segunda maior dificuldade enfrentada (justamente por conta da concentração de respostas na questão da escassez de recursos financeiros e materiais). Nessa pergunta, as respostas que se destacaram foram escassez de espaços, falta de reconhecimento e também dificuldades relacionadas a possibilidades de formação e ampliação de conhecimentos. É in-

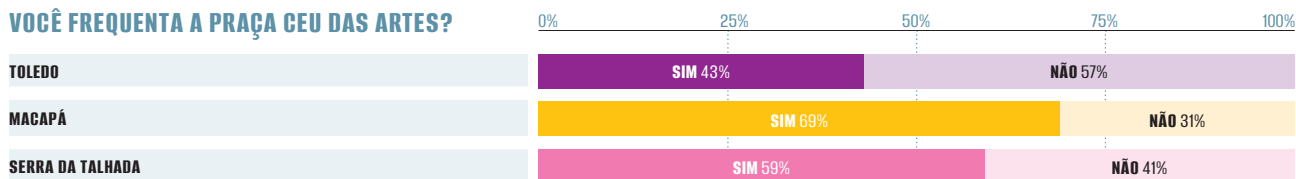
teressante mencionar também que uma proporção relevante de respondentes, tanto na pergunta sobre dificuldade principal quanto na secundária, mencionaram problemas de discriminação, preconceito ou violência relacionados à sua prática ou expressão cultural (destacam-se aqui respondentes que atuam com religiosidades ou expressões como grafite).

D Interação com Praças CEUs das Artes

VOCÊ CONHECE A PRAÇA CEU DAS ARTES?



VOCÊ FREQUENTA A PRAÇA CEU DAS ARTES?



As perguntas sobre interação dos entrevistados com relação as Praças CEU foram sugeridas pelos próprios gestores desses equipamentos e adicionadas à versão final do questionário. Quando indagados se conheciam a Praça CEU, uma média de 80% dos respondentes, que em sua maioria vivem no entorno desses equipamentos, afirmaram conhecer. Contudo, quando inqueridos sobre a frequência às Praças, os números oscilaram entre 43% para Toledo e 69% para Macapá.



3

MOBILIZAÇÃO SOCIAL E INTERLOCUÇÃO COM AGENTES PÚBLICOS



Ofomento do diálogo entre atores do poder público e da sociedade civil na formulação e implementação de políticas na área da cultura foi uma diretriz que estruturou as ações deste projeto, e seus efeitos podem ser notados em alguns desdobramentos relacionados ao fortalecimento das redes culturais e à participação social. Trata-se de um conjunto de resultados especialmente importante para as administrações públicas do nível municipal em que, de um lado, existe a possibilidade de maior proximidade e envolvimento entre os atores e, de outro, as disputas e os desgastes políticos também podem ser mais intensos.

As ações formativas e o mapeamento geraram impactos importantes na mobilização social dos agentes em torno de alguns assuntos relacionados à gestão cultural. Os conteúdos ministrados nas oficinas ampliaram o conhecimento dos participantes sobre o funcionamento das instituições culturais, das políticas voltadas para a área da cultura, dos mecanismos participativos, do financiamento de projetos, dentre outros temas, o que tende a melhorar atuação dos agentes culturais sobretudo nos processos participativos institucionalizados – como conferências, conselhos ou grupos de trabalho. O mapeamento e a pesquisa de diagnóstico das cadeias de produção cultural por si só geraram uma grande mobilização (uma média de 200 iniciativas mapeadas em cada cidade), aproximando outros atores das ações do projeto. Abaixo, algumas percepções das multiplicadoras de Macapá e de Toledo sobre o processo:

“Foi muito positivo, [...] estive em contato com pessoas de diversos segmentos, [...] gente que eu não entraria em contato normalmente. [...] [Foi importante] conhecer a realidade dessas pessoas, as questões específicas das suas áreas, suas dificuldades, as conexões que essas pessoas – os fazedores de cultura – conseguem fazer entre si.”

Karen Suelen de Souza, multiplicadora de Macapá.

“[...] Eu saí [das oficinas] com a bagagem realmente cheia, foi realmente muito significativo [...]. É muito difícil encontrar cursos e formação cultural, é sempre uma coisa muito cara e tem a questão

da distância [a cidade fica no interior do Paraná], acho que é importante a gente ter esse convívio de sala de aula.”

Mariana Gouveia, multiplicadora de Toledo.

Em diferentes níveis e formatos, por meio das oficinas e da realização do mapeamento, as relações entre os representantes do poder público e dos agentes culturais da sociedade civil foram aproximadas. Em algumas cidades como Toledo e Embu das Artes, os participantes das ações do projeto chegaram a estabelecer arranjos mais estruturados para organizar uma atuação coletiva nas pautas relativas às políticas culturais do município (Toledo) ou para produzir ações culturais no âmbito da própria sociedade civil (Embu das Artes), como será detalhado abaixo.

Abaixo estão listados alguns dos resultados mais objetivos que se mostraram relevantes no que diz respeito à participação e à mobilização social. De qualquer maneira, os desdobramentos positivos relacionados a esses temas tendem a continuar ocorrendo de forma mais difusa e espalhada no tempo – os participantes das oficinas e multiplicadores locais seguem sua trajetória de atuação cultural, política e social, levando conhecimentos, reflexões e competências partilhados na experiência vivenciada, além de novas interlocuções e possibilidades de associação.

REDES DA SOCIEDADE CIVIL

Em Toledo, os 5 multiplicadores selecionados para realizar o mapeamento cultural somados a outros participantes do projeto formalizaram uma rede chamada “Rizoma Cultural”, que segundo a página do grupo nas redes sociais:

“foi lançada com intuito de seguir fortalecendo iniciativas de artistas de todas as linguagens, agentes, produtores e fazedores de cultura residentes na cidade. [...] A rede, bem como o conjunto de propostas juntamente lançadas em prol de um maior desenvolvimento sociocultural e turístico de Toledo, está sendo construída a partir dos Encontros Culturais Mensais, que circularão por diversos equipamentos culturais e espaços da cidade.”

A Rizoma Cultural tem reunido periodicamente, desde que o projeto foi finalizado em Toledo, um grupo de dezenas de atores culturais das mais diversas →

→ áreas, incluindo poder público e conselho municipal de cultura, para debater as pautas importantes para o contexto local.

Em Embu das Artes foi formado o Coletivo Pedra d'Água, com objetivo mais específico de possibilitar um espaço coletivo de produção de artes plásticas/visuais. De acordo com a página do grupo nas redes sociais, a rede:

"[...] traz uma proposta voltada para artistas de um modo geral que não possuem espaço adequado para realizar seus trabalhos, podendo os mesmos usufruir de um ateliê aberto. Tendo como contrapartida o compromisso de ministrar aulas um dia por semana voluntariamente, onde serão desenvolvidas diversas oficinas de atividades artísticas que vão além das quatro linguagens (artes visuais, teatro, dança e música) podendo contemplar também as artes integradas e demais manifestações culturais, como moda, design, audiovisual, performance, circo além de literatura."

O Coletivo Pedra d'Água inaugurou o seu ateliê aberto, realizou oficinas de artes e exposições e também vem conquistando alguma projeção pública. Ainda que o grupo não tenha focado suas energias numa atuação diretamente vinculada à agenda de políticas culturais do município, o trabalho tem sido muito relevante no sentido de potencializar e dinamizar a produção e a circulação das expressões relacionadas às artes plásticas e visuais, historicamente muito presentes na cidade.

CARTA DE SUGESTÕES

No evento de encerramento do projeto realizado em cada cidade, foi entregue para os gestores públicos municipais uma carta de sugestões elaboradas com base nos resultados do diagnóstico local realizado. De modo geral, o documento aponta as maiores dificuldades vivenciadas pelos produtores culturais locais e elabora diretrizes mais gerais de incentivo a gestões participativas. Desse modo, foram estimulados a criação ou o aperfeiçoamento dos Conselhos Municipais de Políticas Culturais, das Conferências Municipais de Cultura, dos Conselhos Gestores dos equipamentos Praças CEUs – o que está alinhado às

diretrizes do Sistema Nacional de Cultura (SNC), previsto no artigo 216-A da Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Além disso, também foram estimulados a criação ou a atualização de Planos Municipais de Cultura, bem como algumas ações ou programas mais específicos que respondem às demandas e dificuldades encontradas em cada cidade. Em alguns municípios, certas sugestões foram adotadas pelas gestões municipais. Destaca-se a criação de um edital de ocupação dos equipamentos públicos de cultura, em Embu das Artes, pensado para amenizar um problema apontado por muitos atores e grupos culturais da cidade: a escassez de espaços para desenvolver e circular seus trabalhos. Trata-se de um exemplo de solução que não onera o orçamento da pasta da cultura em grandes proporções (como ocorreria no caso de um programa de financiamento direto à criação artística, por exemplo), que pode ser implementado com relativa rapidez e que representa uma melhora considerável nas condições de trabalho dos atores culturais locais.

IMPACTOS DIRETOS NAS ESTRUTURAS DE GESTÃO

Ainda que o objetivo central do projeto fosse fortalecer e ampliar conhecimentos e competências dos atores e redes da sociedade civil, a mobilização em torno das políticas culturais e da participação social depende, em grande medida, de processos que ocorrem no âmbito da gestão pública (principalmente das secretarias e fundações culturais municipais). Nas →



FOTO: ACERVO DO PROJETO

→ cidades em que houve maior engajamento dos atores públicos e/ou maior abertura dos mesmos para a interlocução com a sociedade civil no âmbito das atividades do projeto, os resultados foram claramente mais impactantes e consistentes. O caso mais ilustrativo, nesse sentido, ocorreu na cidade de Toledo, em que a boa interlocução entre os multiplicadores locais do projeto e os gestores públicos desdobrou-se num convite, feito a uma das multiplicadoras, para assumir o cargo de coordenação do próprio equipamento

Praça CEU das Artes. Destaca-se ainda que umas das primeiras medidas estruturais da gestão dessa nova coordenadora foi o chamamento de uma assembleia para eleger o Grupo Gestor Participativo do equipamento. Em Serra Talhada, o Conselho Municipal de Políticas Culturais foi empossado em cerimônia realizada no próprio encerramento do projeto Fortalecendo Redes Culturais. Em Macapá, participantes das oficinas e uma das multiplicadoras concorreram as eleições dos conselhos municipal e estadual de cultura. ●

